



OS DESAFIOS DO NOVO CONGRESSO

Quase a metade dos atuais parlamentares nunca atuou em Brasília, porém muitos já têm experiência política. Um perfil médio mostra que a maioria vem do setor agrícola e é formada em Direito

Sangue novo no Congresso

DAVID FREISCHER*

As eleições de 15 de novembro do ano passado funcionaram como uma transfusão de sangue novo nas veias do Congresso Nacional, com a eleição de senadores e deputados "calouros" sem nenhuma experiência anterior no Poder Legislativo nacional. Entre 14 senadores e 227 deputados, um total de 251 novos parlamentares (46% do total) chegam a Brasília sem ter exercido um mandato parlamentar em nível federal. Porém, vários destes têm experiências anteriores nos legislativos estaduais e/ou municipais.

Apesar do Senado ter sido "renovado" em 2/3 no pleito de 1978, apenas 22 dos eleitos não tinham passagens anteriores pelo Congresso Nacional. Tomados em conjunto com os 188 deputados "calouros" a cifra de sangue novo de 1979 é praticamente igual a 43% do total.

Por outro lado, se ampliamos o conceito de "renovação" para abranger ex-parlamentares (entre estes 20 ex-cassados) que não estavam presentes na legislatura anterior (1979-1983) temos um ingresso de 21 senadores e 265 deputados, ou seja uma renovação de 52% do Congresso em termos de período anterior.

Dos 487 parlamentares eleitos em 1979, 235 (ou 48% deste total) conseguiram se reeleger em 1982, e portanto voltar a Brasília.

E de se esperar que até o dia 15 de março estas cifras de renovação do Congresso aumentem ainda mais devido ao recrutamento de senadores e deputados para cargos administrativos nos novos governos estaduais, principalmente os deputados. Em 1979, no início da abertura política, uns 30 deputados assumiram secretarias em seus Estados de origem.

O SENADO FEDERAL

Além dos senadores que não se candidataram a reeleição e os que foram "cassados" pelas urnas, três senadores (de Minas Gerais, São Paulo e Paraná) foram eleitos governadores, e portanto seus suplentes assumirão seus mandatos em 15 de março, assim engrossando a lista dos novos senadores. Apenas três senadores a Bahia, Minas e Rio de Janeiro) conseguiram a reeleição em 1982. Assim, em 1983 o Senado conta com 25 novos senadores (36%), dos quais dois são ex-senadores. Desta "safra 1983", encontramos 10 ex-deputados, 7 ex-governadores, 2 ex-ministros, 2 ex-senadores, um ex-vereador e 3 ex-cassados. Uma experiência bastante diversa que pro-

mete revigorar o Senado Federal tanto quanto a "safra de 1975" que em tamanho se compara com esta de 1983.

A CÂMARA FEDERAL

Dos 420 deputados da legislatura anterior, 214 conseguiram a reeleição (51%). Esta taxa de "retorno" foi mais alta do que a de 1979 (48%), apesar da classe política considerar o pleito de 1982 bem difícil por causa do voto vinculado, os novos partidos, a coincidência das eleições diretas para governador e o alto custo da campanha.

Entre os 479 deputados que chegam a Brasília em 1983, encontramos 227 "calouros" sem experiência anterior na Câmara Federal (47%). Mas se acrescentarmos os 51 ex-deputados vindos de legislaturas anteriores à de 1979-1983, temos uma taxa de renovação de 53%. Em 1979, estas cifras foram de 45% e 51%, respectivamente. Portanto, a renovação em 1983 foi ligeiramente maior do que em 1979. No período histórico após 1946, as maiores taxas de renovação de "calouros" foram em 1950 (71%) e 1954 (52%), e a mais baixa em 1966 (41%). Em comparação com outros países, a renovação da Câmara Baixa brasileira é bastante elevada.

Comparando os partidos, o PDS conseguiu o maior índice de reeleição (55% dos seus 224 deputados de 1982 conseguiram voltar à Câmara). Portanto a sua renovação foi a mais baixa 47%. No caso do PMDB, 49% conseguiram a reeleição, e seu índice de renovação foi mais alto (59%). Como seria de se esperar, os três partidos menores tiveram índices de renovação bem maiores, devido às baixas taxas de reeleição: PDT 83%, PTB 85% e PT 88%, reelegendo apenas 4, 2 e 1 deputados, respectivamente.

Regionalmente, os campeões em matéria de renovação foram Rondônia (88%), e Piauí (78%); aquele por ser um Estado novo e este pelo fato do domínio político do ex-ministro Petrônio Portella ter sido desmantelado. No outro extremo, de baixa renovação (poucos "calouros") Rio Grande do Norte (25%), Minas Gerais (30%) e Maranhão e Pernambuco (35%).

O Norte do País apresentou o mais alto índice de renovação (60%), por causa de Rondônia, Roraima e Pará. Neste último Estado, a vitória da oposição elegeu muita gente nova enquanto a derrota do PDS "cassou" muitos veteranos. Logo depois, a região Centro-Sul também foi bastante renovada (51%), devido a Santa Catarina (69%) e Espírito Santo

(67%); os mais baixos foram Paraná (47%) e São Paulo (48%). É justamente no Nordeste (44%) e Centro-Oeste (37%) onde os requícios de dominação oligárquica ainda perduram, é que encontramos os índices de renovação mais baixos. No Nordeste as renovações mais altas ficaram por conta de Piauí (78%) e Alagoas (63%), e as mais baixas em Rio Grande do Norte (25%) e Maranhão (35%). Na região Centro-Oeste a baixíssima renovação foi por causa de Minas (30%) e Goiás (38%), uma vez que os dois Mato Grossos foram iguais (63%). Em Minas a reeleição de veteranos foi impressionante e incluiu 5 ex-deputados de períodos anteriores a de 1979-1983; 2 no PMDB (ex-cassados) e 3 no PDS. A renovação do PDS mineiro foi de apenas 23%, e do PMDB 37%.

Em 1983, encontramos um maior número de deputados com veículos econômicos com o setor agrícola do que em 1979. Este "surto" é devido aos novos que chegam e proporcionalmente mais no PMDB do que no PDS. Por outro lado, na legislatura anterior, registrou-se um número ligeiramente maior de agrônomos. Provavelmente, estes dados refletem atividades econômicas secundárias, pois ao longo dos últimos 10 anos muitos foram os profissionais liberais e empresários que investiram na agricultura como se fazia na bolsa de valores antigamente.

Em 1979, quase 213 (63%) dos deputados eram formados em direito, mas em 1983 encontramos apenas 54%; um sinal dos tempos, no qual a classe política se diversifica profissionalmente.

Finalmente, ainda com relação à Câmara Federal, encontramos remanescentes do antigo pluripartidarismo pré 1965: 22% da ex-UDN e 16% do ex-PSD. Em 1979, o ex-PSD tinha mais adeptos do que a ex-UDN. Com relação a um ex-partido mais recente, o Partido Popular (ex-PP), seus ex-membros afirmam ter uma "bancada" de 68 em 1983; quase igual aos 69 que tinham em fevereiro do ano passado quando foi extinto. Destes apenas 29 retornaram à Câmara (3 do PDS); portanto, 39 são "calouros" adeptos do ex-PP.

★ David Fleischer é professor de Ciências Políticas da Universidade de Brasília desde 1972 e natural de Washington, DC. PhD da Universidade da Flórida, Fleischer é pesquisador-visitante da Universidade Estadual de Nova Iorque, organizador dos dois volumes de "Partidos Políticos no Brasil", editados pela UnB, e membro da Comissão que elabora o projeto do voto distrital.